

CIRILO LEMOS



**CORRE,
JOAO,
CORRE**



made by
human

**CORRE,
JOAO,
CORRE**

**CORRE,
JOAO,
CORRE**

**CORRE,
JOAO,
CORRE**

**CORRE,
JOAO,
CORRE**

Copyright © 2026 Cirilo Lemos

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia do autor. Este é um trabalho de ficção; quaisquer semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, são coincidência.

Edição Digital — 2026

Capar: Outis, sobre arte modificada de 48Canvas no Pixabay

Diagramação: Birô Invisível Edição

e Revisão: Thamirys Gênova



made by
human

Para a Casinha, com amor.

*“Everybody's out on the run tonight
But there's no place left to hide.”*

Bruce Springsteen, *Born to Run*

Sumário

Corre, João, corre

Sobre o autor

Outras histórias

Está no banho, o João, nu, assustado pela água fria que corre pela pele parda, segurando na mão esquerda um sabonete gasto. A mulher irrompe pela porta, uma delícia escandalosa, cabelos cuspindo fios para o alto como se fossem relâmpagos, quadris redondos, coxas roliças, perfeitas nas imperfeições.

Ele sabe que ela estava espiando pelas frestas da porta quebrada, mas não liga, até gosta. Vira-se para ela para que ela possa ver seu sexo, perdido numa mata de pelos pubianos que ela insiste em aparar com uma tesoura, coisa que João não permite porque tem medo de que ela acabe recortando seu saco. Ela adora quando ele diz isso, ri uma risada fresca, mostrando os dentes perfeitos e a língua úmida. Faz isso porque sabe que João não resiste e acaba enfiando a língua em

sua boca, apertando-a contra a parede e deslizando a mão pela bunda bem-feita.

Mas agora não é hora de saliência, uma pilha de roupa a espera no quintal, tem de lavar antes que o pulso comece a doer outra vez.

João está de pau duro, não quer ficar assim, mas ela escorrega por entre seus dedos e foge pelo quarto, onde vê o bebê.

Corre, João, corre que o neném tá passando mal.

João corre, o corpo molhado do banho interrompido, e se depara com o bebê tremendo todo, piscando os olhos como se estivessem secos e movendo a boca igual a um peixe que tenta respirar fora d'água.

A mulher grita, João sopra para longe o desejo pelos quadris dela, tem de

salvar o bebê, ajuda Deus, eu faço o quê eu faço o quê?

Traz um pano molhado, João, traz logo um pano molhado.

João olha para lá olha para cá caralho está cego para o pano, onde tem pano? Encontra um vestido amarelo em cima de um muro, vestido da mulher, será que ela vai se importar se ele molhar roupa limpa? Foda-se, ele pensa, e enfia o vestido amarelo embaixo da torneira e vai com ele para o quarto deixando uma trilha de água da cozinha à sala.

A mulher pega o pano encharcado e aperta contra a testa do menino, é pra baixar a febre que tá muito alta, ela grita, e não para de gritar, não para de gritar!, e os gritos se misturam dentro do ouvido de João com a música que os bebuns colocam na máquina do bar, os carros

queimando pneu na frente de casa, os latidos imaginários dos cachorrinhos que morreram doentes um dia antes, vai chamar alguém pra socorrer esse menino, João, corre, João, corre.

João quer correr, mas não pode sair assim, pelado pela rua, tem de vestir alguma coisa, mas as pernas não obedecem de jeito nenhum, ele tenta ir para lá elas vão para cá, ele vira para cá, elas vão para lá.

Corre, João, corre.

O bebê já não está tendo espasmos, agora olha para o mundo como se despertasse de um sono profundo e azedo, os olhos de quem vê uma camada de fumaça branca.

João não sabe se vai ajudar a mulher ou se corre pela rua, mas correr pela rua

pra quê, todos os vizinhos acham sua família uns barraqueiros e só de pensar nisso ele fica puto da vida, vão pro diabo todo mundo que ele não precisa de ninguém.

Um bando de gente que conversa na calçada escuta os gritos da mulher e já invade a casa aos trambolhões, velhas, homens, crianças, João mal tem tempo de enfiar uma bermuda no corpo, as pessoas já formam uma parede de carne e opiniões que o impede de se aproximar da mulher e do filho. Sua voz se perde no meio do burburinho, até que ele desiste e vai chorar escondido no banheiro, enquanto olha pro reflexo de olhos encovados e lembra dos cachorrinhos que morreram um dia antes.

De lá ainda pode ouvir as vozes, uma velha quer saber o nome do menino pra

fazer oração, oração nada, dona, tem de levar pro hospital, enfia ele debaixo da água fria porque é convulsão de febre, não enfia ninguém embaixo da água não, enfia sim.

A mulher escapa da multidão e se refugia no banheiro, onde dá de cara com João chorando. Ele tenta disfarçar, esfrega os olhos, finge que está penteando o cabelo pra ir para o hospital, ela finge que acredita.

Quero trocar de roupa, mas esse pessoal não se toca.

João sai do banheiro, para na porta do quarto, alguém diz para ele:

Corre, João, veste uma camisa que o carro já tá vindo pra levar vocês lá.

Ele só balança a cabeça, confuso, carro, que carro, ele não tem carro, não sabe dirigir.

Corre, João, corre, grita a mulher saindo do banheiro, já arrumada.

João abre a porta do armário, pega a primeira camisa que vê pela frente, calça os chinelos e ajeita o cabelo com as mãos, coloca uns trocadinhos a mais na carteira por via das dúvidas.

A multidão vem saindo, parece uma onda do mar, na crista vem surfando o bebê, que não sabe o que está acontecendo, tal qual o pai. João e a mulher são engolfados pela onda e arrastados para fora, enfiados num carro e quando se dão conta já estão a caminho do hospital, o bebê dormindo no colo, a multidão deixada à beira da calçada acenando para o veículo que se

afasta. É o pai de João quem dirige o carro, meio calvo, meio grisalho, barba por fazer, resmungando o caminho inteiro sobre as pessoas não respeitarem o espaço alheio.

Se fosse por boa vontade, tudo bem, mas é só curiosidade pela desgraça dos outros, viro bicho com isso, ele reclama.

O caminho até o hospital é longo, cheio de atalhos, curvas e asfalto esburacado. O carro sobe viadutos sobre estradas federais, lá de cima os outros carros formam uma procissão de vagalumes. Penetram por ruas confusas entre a linha férrea e as lojas.

João se aperta no banco do carona, acha que estão correndo demais, mas tem medo de falar e o pai dar esporro, sua mão tateia procurando o cinto de segurança, mas desiste, colocar o cinto

seria o mesmo que dizer que estavam correndo demais e talvez ganhasse mesmo esporro, aqui é a Baixada Fluminense, cinto é coisa de otário.

Outro viaduto fica para trás e com ele o município.

As ruas agora são ainda mais estreitas, de calçadas finas e construções amontoadas que causam a sensação de que estão transitando por becos entre casas e lojas, não por ruas de verdade. O pai diminui a velocidade e com o queixo aponta dois rapazes conversando em frente a um portão:

Pergunta pra eles se essa é a entrada pro hospital.

João está com o pensamento lento, treme os ombros, se ajeita no banco, abre a boca calculando exatamente que

palavras vai usar. O pai bufa, estica a cabeça pela janela e pergunta ele próprio. Sim, respondem os rapazes, e o carro arranca outra vez.

Tem de ser mais esperto, João, não pode ser lerdo assim, aconselha o pai, enquanto no banco traseiro a mulher resmunga alguma coisa.

O carro entra numa curva sinuosa espremida entre muros de tijolos, um monte de gente conversa no meio da rua, crianças andam de patinete, um carro vem na direção oposta e atravanca o caminho.

Porra, os maconheiros ensinaram errado, diz o pai, e martela a buzina em resposta às piscadas impacientes de faróis que vem do outro carro.

Maconheiros?, pergunta João.

Vai me dizer que não sentiu o cheiro?

João não sentiu nada além da perna formigando e dos testículos latejando, mas não responde nada, é melhor ficar quieto e tentar espantar da cabeça as lembranças do quadril da mulher serpenteando.

Um de nós vai ter que desistir, diz o pai, acelerando o carro em ponto morto só pelo barulho. O outro carro sai de ré, está mais perto do fim do beco, mas pro pai esta é uma grande vitória da perseverança, ou da teimosia, como diria a mãe de João.

Lá na frente, no fim de uma pequena rampa, está o hospital, cor de vômito, um exército de carros ocupando todas as calçadas, flanelinhas circulando entre eles, dando risadas, cobrando uns trocados.

O pai para o carro na entrada para ambulâncias:

Vai lá fazendo a ficha dele enquanto eu vou caçar um lugar para estacionar, vou dar dinheiro pra filho da puta de flanelinha nenhum.

Na recepção, o homem careca pergunta pelo endereço do paciente, e João já vai dizendo meio gaguejante quando a mulher o interrompe e inventa outro endereço; o homem careca olha para os dois desconfiado e pede pra aguardar o chamado.

Tem de ser mais esperto, João, se eles souberem que somos de outra cidade não vão querer atender o neném aqui, diz a mulher, o vestido roxo subindo aos pouquinhos e exibindo parte da coxa. João não quer pensar em sexo, mas não consegue evitar, ele quer se preocupar

com o bebê, mas é como se o tesão fosse um besouro enterrado no fundo do seu cérebro.

João e a mulher se ajeitam num banco de madeira, junto a outros pais igualmente preocupados que carregam suas crianças nos colos, há crianças e doenças de todos os tipos; negras, brancas, pardas, diarreias, febres, amigdalites.

João não suporta a espera, ao seu lado o bebê vai lento do rosa ao vermelho, gotas de suor brotando feito minúsculos diamantes da testinha febril.

A mulher aperta o lábio inferior, carnudo e suculento, respirando como quem segura um choro dolorido e fora de momento. Essa boca parece fruta madura, João diz a si mesmo, e maldiz a

própria sorte, que dá um jeito de fazer tudo sair errado até quando dá certo, lá estava ele, na cara do gol, era só chutar, só que de repente a bola desapareceu e em seu lugar apareceu o filho tendo uns troços estranhos e ele, em vez de sexo num finzinho de tarde, ganhou uma tremenda dor de cabeça noite adentro.

Uma enfermeira de cara larga cheia de papéis na mão surge numa porta de folha dupla e chama o nome do bebê. A mulher de João se levanta imediatamente e desaparece pela porta com o filho, enquanto João, atrapalhado com a bolsa dela, vê-se impedido de acompanhá-la pela enfermeira de cara larga, que primeiro bloqueia seu caminho e depois aponta para a placa que proíbe acompanhantes.

João recua, poderia insistir, poderia argumentar, poderia subornar, mas apenas recua.

O ventilador ronca na parede e, lá fora, na cidade espremida em si mesma, a noite já desceu e a lua está carrancuda por trás das nuvens.

Ele devia se preocupar com o menino, mas vem sempre a imagem daquele quadril luminoso atormentando sua libido, ele não tem culpa, homem é assim mesmo, se o pau fica duro e amolece sem ter satisfação é como se estivesse em estado de dureza crônica.

Sua mulher aparece na porta e pede:

Quero água, João, rápido, antes que o doutor chame.

João desata a procurar alguém vendendo água do lado de fora do

hospital, encontra um homem com um isopor cheio de latas e garrafas penduradas, paga o homem, pega a água e sobe a rampa correndo, a enfermeira de cara larga não o deixa entrar.

João pede em tom de súplica. Olhando-o de cima feito uma gigante de três andares, ela autoriza sua entrada com um leve sorriso de desprezo, mas não sem antes avisar:

Não pode demorar, vê se corre.

João perambula perdido pelo corredor pontilhado de portas, a garrafa de água numa mão, a bolsa na outra, parece um daqueles videogames de tiro em primeira pessoa, abre porta, fecha porta, volta, abre outra porta, torna a fechar, tem muita gente doente por ali, feito uma horda de zumbis, olhos cansados e desesperançosos.

Onde está sua mulher e seu filho, João?

Já pensa em desistir e voltar à sala de espera, João é daqueles que desistem fácil de algumas coisas, mas outras continuam firmemente plantadas em sua vontade, que o diga a jovem mãe loura de barriga dourada de fora, de mãos dadas a uma menininha de vestido azul, olhar para o umbigo dela é como olhar para uma estrela distante, e João mergulha na visão com um arrepio involuntário na pélvis.

Graças a Deus, pensa ele, quando a cabeça morena de sua mulher surge de uma porta e o resgata do transe no qual começava a afundar. João lhe entrega a água e pede notícias do bebê.

A febre dele chegou a quarenta graus, ela responde nervosa, por isso ele teve

aquela crise convulsiva. Tô com um pressentimento ruim, João. E se ele morrer?

João estremece.

A possibilidade de o bebê morrer não lhe passou pela cabeça, achava que tudo não passava de um resfriadinho qualquer, criança é bicho frágil, agora uma euforia negra borbulha dentro dele, formada pelo medo, pela urgência e pela culpa.

O neném não vai morrer, é só o que ele diz, antes que a enfermeira de cara larga o expulse de volta para a sala de espera.

Mas agora o João já não pode esperar.

Pela porta ele procura o pai, que está sentado num banco perto das plantas mortas, bebendo uma lata de cerveja.

João se aproxima sem dizer nada, e o pai o convida a sentar.

Desculpa aí, filho.

Pelo quê, pai?

Por não poder fazer muito mais por vocês.

Não é sua responsabilidade.

Eu sei. Mas queria dizer isso.

Tá.

O pai dá um gole comprido na cerveja.

Você tem de ser mais esperto, João.

Eu sei.

E então um silêncio quase confortável. João não vai assustar o velho com o pressentimento da mulher,

o pai certamente daria alguma bronca, coisa que não precisa agora.

Naquele instante João percebe um murmúrio a princípio distante, mas que vai crescendo cada vez mais até se tornar insuportável. Dezenas de vozes a desfiar um cantochão monótono de choros, preces tristes, lamentos agudos; João, assustado, cutuca o pai, que parece alheio ao desfile de um cortejo que vem subindo a rua. Figuras pálidas carregam velas sobre as cabeças, homens, mulheres e crianças, de olhos gelados e ensimesmados. Conforme passam pela rua, toda conversa nas casas e calçadas vai morrendo, uma daquelas situações em que alguém sempre diz “passou uma alma por aqui”, mas não é uma alma, apenas, são muitas, vestidas com um preto azulado feito um sonho estranho,

entoando canções sombrias que apenas João ouve, apenas João vê.

Então toda cantoria cessa e a procissão detém sua caminhada ao passar pela porta do hospital. Uma velha de manto esfarrapado e membros ressequidos sai da multidão e sobe a rampa devagar, movimentando-se como um lagarto.

Quando passa por João, fita-o com olhos grandes e sem vida, fazendo-o estremecer de medo; ela sabe que ele pode vê-la.

O pai resmunga sobre o súbito amargor da cerveja; as pessoas ao redor agora conversam sobre melancolias das quais não conseguem mais escapar. Ninguém parece perceber nem a velha nem o cortejo, só João.

Quando aquelas pupilas fixas olham para ele, João tem certeza do que está à sua frente.

Você pode ver a procissão, a velha diz. Sua voz é como um vento que vem pela escuridão profunda. Seu cheiro é o da terra molhada pela chuva.

João não responde nada, apenas balança a cabeça.

A velha sorri e entra pela porta do hospital; João vai atrás.

Ela anda pelos corredores com a segurança de quem conhece o caminho; entra numa sala, aproxima-se da mulher de João, sentada numa cadeira, e com carinho retira o espírito do bebê de seus braços.

João começa a gritar.

O médico, a enfermeira e as mães se assustam, e tudo o que veem é um doido socando o ar, mas é a velha quem ele soca, e a miserável ri enquanto seus dentes voam da boca. Ela cai no chão gargalhando e se desfazendo até se tornar apenas uma pilha de trapos. Quanto ao bebê, ele está no colo da mãe, mas seu espírito agora está brincando pelo chão.

João toma-o no colo e corre, vai fugir com a alma do bebê para o mais longe possível, para que a procissão não o leve dali.

Confusa, sua esposa levanta da cadeira e vai atrás dele. Na porta de entrada, ela pode vê-lo correndo rua abaixo como se fugisse de uma assombração.

Corre, João, corre, ela grita sem saber por quê. Apenas o bebê sonolento em seu colo é capaz de ver a multidão que se arrasta atrás do pai.

E agora, João? Fugir é mais do que correr esbaforido pela rua, é escapar, se proteger, fugir do alcance. Você pode fazer isso, João? Fazer algo além de correr?

João não quer olhar para trás, encarar o que o está perseguindo, algum canto pequeno e empoeirado do seu cérebro está dizendo que, se ele não vê, a coisa não existe, quer pensar assim, deixar um fiozinho de esperança tomar força e se transformar em fortaleza.

É mesmo, João? Você não quer vê-los, mas pode ouvi-los, não pode? Não há fortaleza que suporte os murmúrios, os gemidos fantasmagóricos, o estranho

chiado que o ar faz ao passar por seu rosto. A sensação de fogo frio que o pequeno espírito em seus braços irradia.

Está numa cidade estranha, labiríntica, asfixiante feito pesadelo. Ir para onde, João se desespera. A ladeira comprida chega ao fim, um cruzamento tortuoso está diante dele agora. O sinal está fechado para pedestres, mas que porra, ele precisa atravessar, precisa fugir, não há tempo para sinais fechados. Mas são tantos, os carros.

Não pode ficar esperando, João. As pessoas estão olhando para você, um doido segurando um bebê invisível.

A vontade de João é mandar todo mundo que passa exibindo olhar de desconfiança para a casa do caralho, queria ver como essas pessoas que têm seus empregos e salários reagiriam se

não tivessem seus empregos e salários e precisassem correr sem destino com a alma do único filho.

O bebê se move em seu colo. Está tremendo, o pobrezinho. Um pequeno espasmo, quase imperceptível, suave como o dedilhar de uma harpa. João fica admirado e apreensivo quando minúsculas bolhas se desprendem das costas do menino e vão estourar nos telhados dos prédios achatados.

E vem de repente aquela sensação de peso sobre os ombros, quilos, toneladas, a pressão no coração que dá vontade de chorar pelas dores do mundo, dos animais, dos velhos, das crianças. João aperta o espírito do bebê contra o peito. Sabe a razão da cortina de veludo que subitamente torna seus pensamentos sombrios: eles estão aqui.

João agora pode vê-los de pé sobre os fios dos postes, imóveis como um bando de pombos, os trapos escuros balouçando ao vento da noite quente. Onde está a fortaleza agora, João?

Não quer olhar para cima, mas não consegue impedir o movimento da cabeça. A multidão parece brincar com ele, avançando quando ele avança, parando quando ele para. João sabe que eles estão esperando o momento certo para descer como uma revoada de abutres. Pode vê-los contrair de leve os joelhos, feito quem se prepara para um longo salto.

Corre, João, corre.

João atravessa o cruzamento, os olhos quase fechados. Sente as lufadas do ar deslocado pelos carros, as buzinas ganhando volumes ensurdecedores, os

palavrões dos motoristas rasgando seus tímpanos.

Um ônibus surge adiante. Um milagre, João pensa. Faz um sinal para o motorista.

A multidão mergulha em sua direção.

O ônibus para, a porta se abre, João e o bebê estão dentro, a porta se fecha no instante em que os primeiros vultos tocam a calçada. João os encara através do vidro, enquanto o ônibus se põe sai devagar.

Ele paga a passagem, atravessa a catraca e vai se sentar nos fundos. De lá, observa o cortejo desaparecer na distância, os rostos parecidos com máscaras.

Acha que está a salvo, João? Por quanto tempo?

Não quer pensar nisso. Quer aproveitar o momento para respirar, se recompor, cuidar do bebê em seu colo. E daí que ninguém o vê? E daí que é um espírito longe do corpo? Ainda é seu filho, sua obrigação é ficar com ele. E se aquelas coisas vierem buscá-lo, se não for possível escapar, irá junto.

O ônibus sacoleja pelos buracos e calombos do asfalto ruim. Pela primeira vez, o espírito do bebê olha para João. Tem a leveza de um punhado de pétalas no outono, uma consistência de luz líquida que confunde o tato, fazendo-o sentir frio e calor – ou uma terceira sensação, não sabe ao certo – onde sua pele toca a do filho. Mais bolhas estão se desprendendo do menino, e a ideia de que isso seja algum tipo de sinal para os vultos lhe causa arrepios. João não pode

negar o medo que tem da criança, de sua silhueta borrada por um clarão sobrenatural, de suas pupilas tristonhas de quem conhece mistérios profundos.

É a alma de seu filho, João. Não tenha medo.

É difícil não ter medo, ele pensa.

Não dá para saber quanto tempo ficam no ônibus. Cochilou uma ou duas vezes, acordou num sobressalto outras tantas.

O bebê está gemendo em seu colo. Mais bolhas atravessam o teto do ônibus. João percebe, aterrado, que o filho está perdendo substância, se desfazendo em bolhas lentamente diante de seus olhos. Ajuda, Deus, não o deixa desaparecer, o que vai ser do

corpinho do meu filho sem um espírito para habitar nele?

A sensação outra vez: dor, desespero, tristeza, tão fortes que a vontade de João é morrer.

Olha pela janela.

Onde eles estão? Não estão lá fora, não estão nos fios.

Dentro do ônibus, então.

Sim, dentro do ônibus, João, mas não são muitos. Na verdade, é uma só. A velha reptiliana com seu xale cinzento, seu vestido cujas cores a morte chupou e agora são de um preto apagado. Ela está sorrindo para você quatro bancos à frente.

João se recusa a olhar para ela. Queria poder forçá-la a não existir,

fingir ser racional, mas há aquela porção sua que fica falando, falando e falando.

São lágrimas isso que nasce nos seus olhos, João? Chorar não adianta.

Mas adianta não chorar?

A velha se aproxima. Afaga os cabelos da criança. João se encolhe no banco e aperta o filho contra o peito. Está tremendo.

Não leva ele de mim, João choraminga. Ele é só um menino. Não fez nada. Não viveu.

Os olhos brancos dela encontram os dele, e João finalmente entende e se desespera: seu filho já está morto. Em algum lugar. A esposa chorando sobre o pequeno cadáver. Seu pai com olheiras profundas.

A vida é uma desculpa para morrer,
João. Você não sabia?

Deixa eu ir no lugar dele. Por favor.

A velha nada responde. Apanha o
bebê cada vez menor dos braços de João
e o aninha carinhosamente no seio.
Aperta suas bochechas como uma avó
amorosa. A criança ri e balança os
bracinhos.

O ônibus para. As portas se abrem. A
velha desce os degraus carregando o
bebê. João vai atrás. Não pode ser fácil
assim.

Quero ficar com meu filho.

A velha nada responde.

Dos becos, portas e janelas, as figuras
esqueléticas vão surgindo e se unindo a
ela em sua caminhada, dezenas de

vultos confusos rumando lentamente para onde vão os que morrem.

Me leva também, berra João.

Eles não querem você, João. Não chegou sua hora ainda.

Não chegou minha hora, ele diz a si mesmo, e num arroubo se atira diante de um táxi que desce a rua em alta velocidade. O impacto acontece em câmera lenta, da mesma maneira que João percebeu o passar de sua vida. O estalo molhado dos fêmures se partindo. O corpo ficando leve, uma trouxa de pano que trinca o para-brisa, rola pelo capô e se estatela no meio-fio.

Leve como uma pluma, João. Esvaindo-se em sangue como uma pluma. Percebe a besteira que fez? Eles

não vão por você porque não é a sua hora.

O taxista está em pânico diante do corpo, as mãos na cabeça, o coração acelerado.

Ao lado dele está João, as roupas cada vez mais desbotadas e cheirando a mofo. Sua pele está gelada e branca como parafina. Não se reconhece naquele cadáver desajeitado. Aquele não é ele. João agora é aquela forma de outro mundo, um vazio abissal onde devia ter um coração latejando de sentimentos. Nem o desejo pelo corpo sinuoso da mulher resiste ao ocaso da carne. O mundo agora é fosco, escurecido como um anoitecer de inverno, uma paisagem numa fotografia que lentamente se consome na chama amarela de uma vela.

A procissão vai ao longe,
murmurando o cantochão monótono. A
velha está lá com seu filho, João. Se quer
zelar pelo espírito dele e ser o pai que
nunca foi, é melhor se apressar.

Está ouvindo?

Corre, João, corre.

Sobre o autor



Cirilo Lemos nasceu em 1982, em Nova Iguaçu, e hoje vive em São Paulo. Historiador, professor e editor na Editora Ática, escreve desde que se entende por gente, mas seu primeiro conto saiu em 2011, na coletânea *Imaginários*, da Editora Draco. De lá para cá, acumulou histórias e alguns prêmios: em 2020, levou o Argos pela

antologia *Cyberpunk*; em 2023, ganhou o de melhor romance com *Estação das Moscas*; e em 2024, os prêmios Argos e Odisseia por *Um Milhão de Mim*. Entre livros, revisões e ideias teimosas, divide a vida com a esposa, dois filhos e dois gatos que parecem acreditar ser coautores de tudo.

Contato:

<https://cirilolemos.com/contato>

Outras histórias

Devolva meu coração

Bio não sente dor, medo ou alegria; ele não sente absolutamente nada. E o motivo é literal: após o fim do relacionamento, seu coração ficou para trás, guardado em uma gaveta na casa de sua ex-namorada, Nina. Agora, enquanto vaga por uma cidade cinzenta carregando uma mala de produtos de limpeza que ninguém quer comprar, Bio precisa encontrar uma forma de reaver sua humanidade. Entre tentativas frustradas de "comprar" o próprio órgão de volta com doces e passagens para o mar, ele descobre que, para Nina, aquele coração é um troféu de posse do qual ela não pretende abrir mão.

A utopia é um projeto colonial

A médica Patrícia Araweté busca refazer a própria vida quando aceita trabalhar na Amazônia. Ali, entre aldeias ameaçadas e hospitais improvisados, descobre uma floresta transformada em campo de batalha entre povos que resistem, empresas de biotecnologia e a máquina de propaganda estatal.

Estação das Moscas

Na Baixada Fluminense dos anos 90, onde a adolescência se media em fitas VHS e ruas empoeiradas, Jona tenta lidar com o divórcio iminente dos pais e a sensação de que tudo está fora de lugar. É nesse cenário que o Cara-de-Mosca decide aparecer — viscoso, insistente e atento a cada fragilidade sua.

Um Milhão de Mim

Quatro pessoas em tempos e lugares distintos acabam enredadas pelo mesmo enigma: Uqbar, um conceito sem fim que pode se insinuar como sociedade secreta, guerra metafísica ou um conto de Borges. À frente de um caso de assassinato, um investigador começa a puxar os fios de um novelo que pode revelar segredos do universo — ou apenas inventá-los. Afinal, existe diferença entre realidade e ficção? E, se existe, até onde ela importa?

E de Extermínio

O primeiro romance *dieselpunk* nacional. Em um Brasil alternativo dos anos 40, onde o Império cambaleia entre americanos e soviéticos, a família Trovão atravessa guerras, conspirações e feitiçarias. Jerônimo, matador profissional que conversa com uma

santa, tenta se aposentar, mas seu último trabalho arrasta filhos e madrasta para um ciclo de violência sem fim. Intrigas, tiroteios, robôs gigantes, freiras armadas: aqui pólvora e diesel andam de mãos dadas. Mas conseguirá a família Trovão permanecer unida diante de tantos problemas?

O Alienado

Nas torres de aço e vidro da Cidade-Centro, Cosmo Kant, operário com nome de filósofo, testemunha um homem atravessar o espelho do banheiro e percebe que sua vida nunca mais será a mesma. Enquanto o governo trava uma guerra secreta contra o Nada, ele se vê preso em lembranças fragmentadas, filas que parecem entidades, arquivos inalcançáveis e conspirações urdidas por Forasteiros.

No fim, só uma certeza persiste: os
Metafilósofos vigiam você.

Obrigado pela leitura.